

Pequena nota sobre o Amor

Fanttini

O amor e sua forma social sempre foi uma questão indispensável aos anarquistas. Claro! Não haveria, não há como pensar no rompimento da ordem social nos imposta sem pensar na forma como nos relacionamos com o outro / a outra, que ansiamos livres.

Em nosso mundo ocidental do capital, nos deparamos com um amor romântico fortalecido pelas “belas” histórias dos filmes hollywoodianos que nos ensinam que amar é privar, é limitar, se anular. E então, quando nos deparamos com a realidade das contradições humanas e não conseguimos manter o padrão estabelecido, sofreremos. Quantas músicas tocadas diariamente nos rádios associam o amor, ou o ato de amar, ao sofrimento? Nesse momento, todo aquele papo de um espiritualismo tosco e vazio (porque dado como item de consumo nas prateleiras do bem estar) cai por terra quando se tem uma desilusão amorosa.

E assim introduzo essa nota, essa vontade de comungar reflexões acerca desse sentimento há muito tempo experienciado, construído e pensado. Deixo claro que não é meu objetivo aqui fazer uma análise do amor no movimento anarquista ou algo do tipo, seria muita pretensão. Nesse momento compartilho apenas pensamentos que sem sombra de dúvidas foram e são construídos pela leitura e experiência enquanto anarquista (mas não só, claro, afinal a vida é ampla demais para algumas delimitações)!

E a partir do exposto, gostaria de colocar a crença de que a plenitude existen-

cial (para além de como esse conceito é utilizado nas estantes “consumísticas” das livrarias e bancas de jornal) e a serenidade que buscamos em nossa existência, para aquelas e aqueles que a buscam, bem, elas são possíveis com o amor e a paixão e não opostos como tentam nos afirmar as canções que fazem de um sofrimento amoroso o tormento da alma.

É fato que para essa superação, esses libertadores sentimentos – paixão, amor – não podem estar vinculados à posse, a vaidade do ciúme, ao imediatismo do desejo e à insegurança.

A paixão talvez traga a vivacidade da carne, do desejo do contato, que quando comungados com o amor que liberta é potência, pura, forte!

Amar é também a prática da liberdade, pois para amar plena e serenamente é necessário o desapego às vaidades e às podres convenções sociais que nos distanciam de nós e do outro, pois são geradoras de angústias e repressões.

O amor livre se manifesta, existe e evolui, independente do socialmente estabelecido. E nisso não há desilusão,

pois deixamos de lado, de início, a própria ilusão.

A priori talvez soframos. Carregamos conosco, em nosso sistema que alimenta o ego (tomando emprestado um conceito que eu sei que gera divergência entre muitos que pensam o ser humano, mas que da conta do que quero dizer agora), aprendizados quase que incrustados no mais íntimo de nosso ser.

É sim uma batalha. A libertação animal, aqui sobretudo humana (tanto *sapiens* que *sapiens* alguma coisa como *sapiens* que não *sapiens* de nada – como diria uma querida pessoa) se dá a partir da expansão da consciência sobre si e sobre os outros. É necessário nos desprendermos dos modelos previamente construídos e que muitas vezes objetivavam o controle, dos outros/das outras e de si, pois só assim inventamos.

Amar plena e livremente é estar em contato com aquilo que de mais belo desenvolvemos: a potencialidade da criação.

Amar é criar e criando construímos a liberdade! Avante!